

Jesus, o Deus tangível e acolhedor

No conceito grego e de uma boa parte dos povos antigos, Deus era um ser inacessível e jamais poderia ter qualquer tipo de contato ou aproximação com os seres humanos.

Jesus derrubou esse conceito ao mostrar-se tangível e acolhedor em relação a aqueles que o cercavam. Por isso, cabe-lhe adequadamente a expressão “Emanuel”, que significa “Deus conosco”, como está em Mateus 1:23.

Uma característica marcante no caráter de Jesus era o seu comportamento acolhedor em relação às necessidades das pessoas que se aproximavam dele. Ele foi a personificação do samaritano que atendeu as necessidades daquele que tinha sido vítima de salteadores, o qual foi ignorado pelos preconceituosos religiosos, representados pelo sacerdote e pelo levita da parábola de Lucas 10:30 a 37.

Ele valorizava o contacto com os leprosos, meretrizes, estrangeiros e outros discriminados da sociedade, aproveitando cada oportunidade para falar-lhes do Reino de Deus e trazer uma mensagem de esperança para aquele povo marginalizado e sem perspectivas.

Jesus não discriminou ninguém, seja por sexo, condição social ou intelectual, religiosidade ou qualquer outro fator que discrimina as pessoas entre a sociedade.

Se num primeiro momento Jesus pareceu discriminar a mulher cananéia, também chamada “siro-fenícia” (Mateus 15:21 a 28), logo a seguir Jesus enalteceu a fé daquela mulher, que se identificou com os cachorrinhos que comem das migalhas que sobejam do alimento dos filhos.

Assim foi com ladrões, publicanos, fariseus, escribas, crianças, moribundos, endemoniados e demais banidos do convívio social. Jesus tratava todos sem escrúpulos e sem barreiras, valorizando a todos igualmente, como vemos nos exemplos de Mateus 9:10-13 e Mateus 11:19.

Ele correu risco de ser apedrejado por estender o perdão e a misericórdia de Deus às prostitutas e aos pecadores, com os quais convivia sem receio de se “contaminar” (João 5:18 e 10:33).

Certa vez, Jesus se hospedou na casa de um coletor de impostos chamado Zaqueu, não se importando com os comentários dos seus opositores, os quais diziam que ele foi hóspede de um homem de má reputação (Lucas 19:1-10).

Para Jesus, mais importante que a sua própria reputação era a oportunidade de alcançar os desgarrados, a fim de que as pessoas pudessem lhe conhecer mais proximamente e ouvir os seus ensinamentos, ainda que alguns daqueles que o cercavam eram indivíduos com um passado bem sombrio.

Em uma certa ocasião, Jesus recebeu Nicodemos, um respeitado líder religioso judeu, o qual foi ter com ele à noite, pois temia ser visto consultando alguém que não tinha o crédito do clero judaico (João 3:1-21).

Jesus não somente recebeu Nicodemos, como também lhe dedicou toda a atenção que costumava dispensar a todos aqueles que o procuravam.

Apesar de não fazer parte de seu grupo de discípulos, Nicodemos ouviu de Jesus alguns princípios notáveis do cristianismo, como o do Novo Nascimento e do propósito expiatório do Filho de Deus, como lemos no capítulo 3 do Evangelho de João.

Isso prova que Jesus não privilegiava um grupo de elite, em detrimento às necessidades de outras pessoas que professavam uma fé diferente.

Um outro exemplo da atitude compreensiva e acolhedora de Jesus foi aquele de João 8:1-11, em que uma mulher surpreendida em flagrante adultério foi perdoada por Jesus, sendo que a lei do VT mandava apedrejar os que cometessem esse tipo de pecado. Apesar de não aprovar o pecado daquela mulher, Jesus deu-lhe uma chance para a sua recuperação e uma orientação de vida, quando disse: vai e não peques mais.

A intenção de Jesus nunca foi de acobertar pecado de ninguém, mas a sua forma acolhedora e simpática com relação às pessoas revolucionou o conceito da relação que Deus pretende ter com os homens.

Em nenhum momento ele se omitiu de responder aos que o consultavam sem segundas intenções, de curar enfermos, de expulsar demônios e de receber crianças que vinham até ele, como vemos nos exemplos de Mateus 4:24 e Lucas 6:19.

Jesus considerava a todos igualmente e jamais teve escrúpulos de se aproximar de homens e mulheres considerados “pecadores” e rejeitados pela sociedade.

Ele freqüentou festas de casamento, jantares na casa de pessoas reputadas como desonestas, sepultamentos e outras tantas atividades sociais, junto com gente de toda espécie, sem a preocupação de se “contaminar” com a pecaminosidade das pessoas.

Jesus era tão desprendido quanto ao fato de estar junto aos necessitados, que foi acusado de ser “comilão, beberrão e amigos de pecadores” (Mateus 11:19 e Lucas 7:34), pois era extremamente sociável e se aproximava com liberdade das pessoas, quer estivesse entre uma multidão ou na casa de algum deles.

Em todas essas circunstâncias, Jesus se justificava perante os questionadores, dizendo que não veio para os “justos”, mas sim para os pecadores (Lucas 5:32).

Quando os seus discípulos foram questionados sobre o motivo pelo qual o Mestre se aproximava de pecadores, Jesus lhes disse que os que se dizem “sãos” não recorrem aos médicos (Mateus 9:12 e Marcos 2:17), mas os que têm a consciência da enfermidade recorrem ao médico, porque sabem que não têm outra alternativa.

Jesus nunca demonstrou ter repugnância dos pecadores e pecadoras, o que muitas vezes ocorre com pessoas que se julgam muito santas e imaculadas.

Uma mulher enferma de uma hemorragia foi curada simplesmente por tocar na orla das vestes de Jesus (Mateus 9:19-22). Se Jesus tivesse algum nojo ou repugnância das pessoas, jamais permitiria que uma mulher com fluxo hemorrágico lhe tocasse, pois a lei do VT considerava impura a mulher durante o seu período menstrual (Levíticos 15:32).

Jesus tinha satisfação de poder tocar e ser tocado pelas pessoas porque ele queria transmitir o seu amor da forma mais prática e pessoal possível.

Os textos de Marcos 10:13-16 e Lucas 18:15-17 confirmam esse fato, ao narrar o episódio em que as pessoas traziam crianças para que Jesus lhes tocasse, mas os discípulos se indignaram com a exposição de seu mestre naquela condição tão humana e vulgar.

Porém, Jesus os repreendeu e ordenou-lhes que não impedissem as crianças de virem tocá-lo. Depois, para deixar ainda mais evidente esse desejo de aproximação das pessoas, Jesus tomou uma criança em seus braços, impôs-lhe as mãos e a abençoou. E assim fez ele com todas as demais crianças.

De uma forma totalmente oposta, vemos a atitude repulsiva de Jeová no VT, quando fulminou um homem chamado Uzá, só porque esse homem estendeu sua mão e tocou na arca, quando a arca estava caindo devido ao solavanco do carro de bois que a transportava (2 Samuel 6:6-8). O escrupuloso Jeová proibia que alguém tocasse a arca da aliança, que simbolizava a sua presença, porque queria manter sua imagem de “intocável”.

A arca era carregada com varais para evitar que alguém a tocasse durante o seu transporte (Êxodo 25:14), tal era a preocupação de Jeová quanto à possibilidade de ser tocado por um mero mortal!

Mais uma vez a conclusão é que Jeová e Jesus não são a mesma pessoa, pois enquanto os que tocavam em Jeová eram mortos implacavelmente, os que tocavam em Jesus eram curados, como a mulher hemorrágica que foi curada pela fé, simplesmente porque tocou nas vestes de Jesus.

Poderíamos até acrescentar dizendo que o contacto com Jesus transmitia virtude, como menciona o episódio de Marcos 5:30, enquanto que um eventual contacto de Jeová com os seres humanos transmitia juízo imediato e condenação por causa do atrevimento na quebra da sacralidade.

Somente em uma ocasião Jesus não permitiu ser tocado, o qual está narrado em João 20:16 a 18. Porém, nesse episódio conhecido no meio religioso como “Noli me tangere”, Jesus só fez a restrição quanto ao ser tocado porque seu corpo já tinha uma natureza glorificada, pois Ele disse à mulher: “Não me toques porque ainda não subi ao Pai”.

Onde Jesus chegava, a sua presença trazia conforto e ânimo aos que estavam sem esperanças. Quando Ele visitava alguém, a paz chegava naquele lugar.

Se houvesse um “clima” tenebroso no local, ele era desanuviado simplesmente pela presença de Jesus. Ainda que o ambiente fosse “imundo” e reinasse o espírito da morte, a presença de Jesus trazia paz e um sentimento de esperança aos aflitos.

Jesus não esperava que o ambiente se tornasse “santo” para poder freqüentá-lo e interagir com as pessoas, contrariamente ao que fazia Jeová, o qual selecionava ambientes especiais de religiosidade e pureza absoluta para se fazer presente, revelando uma repulsa crônica pela proximidade com os “mortais”, como fez com Moisés em Êxodo 3:5.

O véu do templo rasgado conforme mencionado em Mateus 27:50 e 51, o qual fazia a separação entre o lugar santo e o “santo dos santos” do tabernáculo judaico, significa que o acesso à intimidade de Deus foi franqueado no momento em que Jesus foi glorificado, pois até então os judeus estavam impedidos de se aproximarem de Jeová, sendo que apenas o sumo-sacerdote, uma única vez por ano, era autorizado a entrar no super-restrito “santo dos santos”, onde Jeová habitava.

Enfim, Jesus é o Deus que tocou e permitia ser tocado pelos homens, tanto bons como maus, o qual transmitiu virtude ao ser tocado pela mulher enferma de uma hemorragia (Lucas 8:43 a 46), cujas mãos tocaram em pessoas moribundas para lhes trazer saúde (Lucas 8:54), cujos pés foram molhados com as lágrimas da pecadora arrependida, (Lucas 7:36 a 38), cuja saliva untou os olhos de um cego para que voltasse a enxergar (João 9:1 a 11), em cujo peito o discípulo João encontrava afeto do amigo íntimo (João 13:23 a 25) e cuja face recebeu o beijo hipócrita do traidor Judas Iscariotes (Lucas 22:47 e 48).

Oswaldo Carvalho
Jan./2013